

# INFORME RURAL ETENE

ANO 11, Nº 04 – ABRIL/2008

## A FRUTICULTURA DO NORDESTE E O CÂMBIO - CONSIDERAÇÕES

Francisco Raimundo Evangelista  
Mestre em Economia Aplicada, Pesquisador do ETENE  
Fone: (85)3299-3419 ; Fax: (85)3299-3474; [evan@bnb.gov.br](mailto:evan@bnb.gov.br)  
Maria de Fátima Vidal  
Mestre em Economia Rural, Pesquisadora do ETENE  
Fone: (85)3299-3234; Fax: (85)3299-3474; [fatimavidal@bnb.gov.br](mailto:fatimavidal@bnb.gov.br)

A taxa de câmbio é o preço, em moeda nacional, ao qual se pode comprar ou vender uma divisa (moeda estrangeira) e tem impactos significativos sobre o comércio internacional de qualquer país. No Brasil, é usual apresentar a taxa de câmbio em Reais por Dólar. Considera-se que há desvalorização da taxa de câmbio quando são necessários mais reais para adquirir um dólar; e valorização quando se necessita de menos reais para adquirir um dólar. Esses movimentos (desvalorização/valorização da moeda nacional) têm causas complexas, ligadas tanto à situação econômica do país quanto aos humores da economia internacional, causas essas que não cabe examinar no âmbito deste Informe. O comportamento recente da taxa de câmbio brasileira, entretanto, tem levantado uma série de discussões e preocupações e pode influenciar de forma significativa alguns negócios da Região Nordeste, como é o caso da fruticultura.

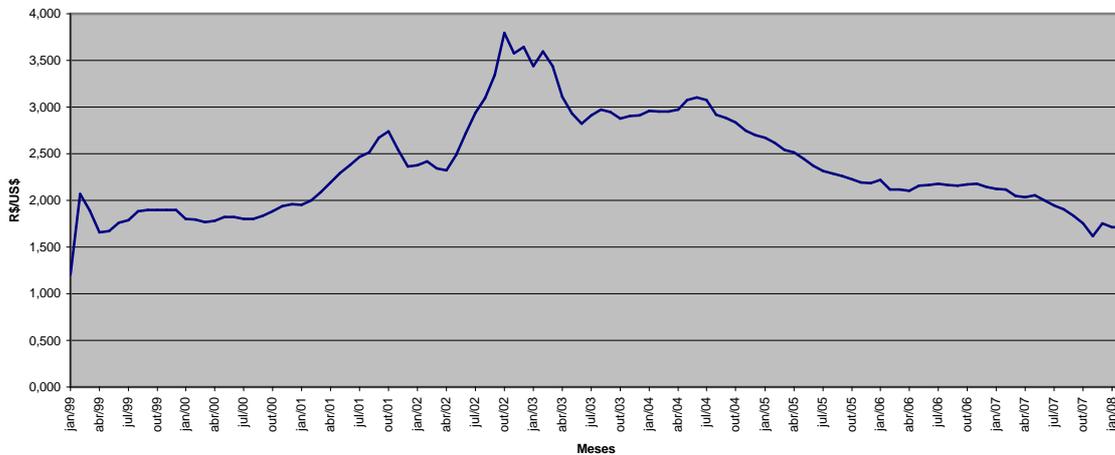
A Tabela 1 apresenta a cotação média mensal do dólar, em reais, de janeiro/1999 a janeiro/2008. A média geral dos valores nesse período foi de R\$ 2,36/US\$, próxima da taxa registrada em dezembro/2001, de forma que consideraremos aquele mês como base (dez 2001 = 100) para as comparações que serão feitas adiante.

Tabela 1 – Brasil - Dólar Médio Mensal, de 1999 a 2008 (em reais correntes)

Meses	Anos										
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	
Jan	1,205	1,802	1,954	2,379	3,436	2,954	2,669	2,217	2,124	1,716	
Fev	2,065	1,793	2,001	2,417	3,595	2,947	2,612	2,114	2,113	1,711	
Mar	1,893	1,765	2,089	2,345	3,439	2,949	2,543	2,117	2,046		
Abr	1,660	1,780	2,192	2,320	3,111	2,969	2,512	2,104	2,034		
Mai	1,672	1,819	2,297	2,482	2,931	3,078	2,445	2,159	2,055		
Jun	1,763	1,823	2,375	2,717	2,822	3,106	2,367	2,165	1,997		
Jul	1,788	1,799	2,466	2,939	2,909	3,075	2,311	2,181	1,947		
Ago	1,883	1,804	2,510	3,097	2,969	2,915	2,287	2,164	1,905		
Set	1,896	1,836	2,671	3,343	2,940	2,879	2,258	2,160	1,839		
Out	1,896	1,882	2,738	3,792	2,877	2,834	2,225	2,172	1,757		
Nov	1,896	1,939	2,538	3,578	2,905	2,743	2,190	2,177	1,614		
Dez	1,896	1,958	2,365	3,642	2,912	2,696	2,187	2,145	1,752		
Média Anual	1,793	1,833	2,350	2,921	3,071	2,929	2,384	2,156	1,932	1,714	
Média Geral										2,362	

Fonte: [http://www.acirp.com.br/economia/tabela\\_dolar.php](http://www.acirp.com.br/economia/tabela_dolar.php). Acesso em 19/04/2008. Elaboração dos autores.

Apresentada graficamente (Gráfico I), percebe-se que a taxa de câmbio brasileira, a partir de 1999, atravessou dois períodos distintos: uma fase de desvalorização (trecho ascendente do gráfico), entre janeiro de 1999 e outubro de 2002 (a taxa de câmbio foi de R\$ 1,25/US\$ para R\$ 3,79/US\$) e outra de valorização (trecho descendente do gráfico), que se estende até o momento (muito embora o real não tenha se valorizado a ponto de retornar à situação vigente em janeiro/1999). Diante desse cenário, cabe perguntar: como a valorização desse último período se reflete nas exportações?



**Gráfico 1 - Brasil - Evolução do Dólar Médio Mensal, de Jan-1999 a Fev-2008**

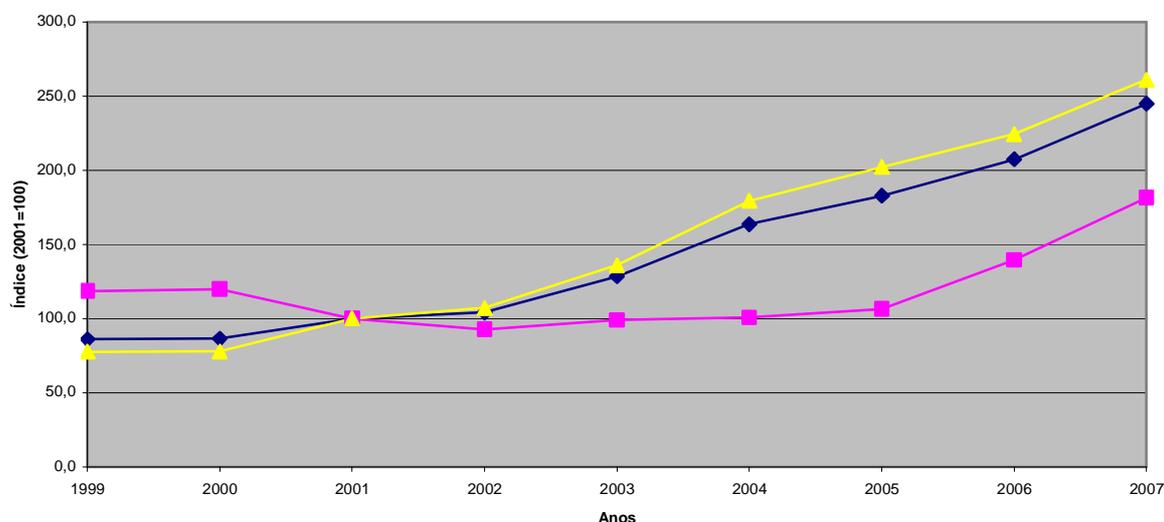
Fonte: <http://www.acinh.com.br/cotacao.html>. Acesso em 14/04/2008. Elaboração dos autores.

Imaginemos uma empresa que, em dezembro de 2002, tenha firmado um contrato de exportação de mil unidades mensais do seu produto, a partir de jan/2003, a US\$ 10 a unidade. Nessa ocasião, a receita anual esperada em dólares era de US\$ 120.000 (1.000 unidades x 12 meses x US\$ 10) e de R\$ 437.040,00 (US\$ 120.000 x 3,642 R\$/US\$). Entretanto, ao longo de 2003, a taxa de câmbio foi se alterando (conforme a Tabela 1), com uma valorização do real. Convertendo os US\$ 10.000 da receita mensal pela taxa de cada mês, a receita anual em reais resultou, ao final de 2003, em somente R\$ 368.460,00. Consideremos ainda que o custo de produção desse bem fosse de R\$ 25,49. Em dez/2002, o valor de venda de uma unidade, ao câmbio da época, seria de R\$ 36,42 (US\$ 10 x R\$3,642/US\$) e a empresa teria uma margem de comercialização de 30%  $((36,42-25,49)/(25,49)*100)$ . No mês de dezembro de 2003, se os custos não sofressem alteração ao longo do ano (hipótese pouco provável), a margem teria se reduzido para 12,5%  $((29,12-25,49)/(29,12)*100)$ . Na hipótese de aumento dos custos de produção, essa margem seria menor ainda.

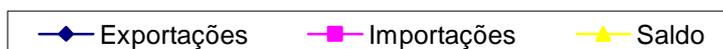
Nessas condições, não é difícil perceber que a empresa estaria desestimulada a renovar o contrato, a menos que houvesse possibilidade de reajustar o preço em dólar, o que, na maioria das vezes, não é possível. Mesmo com uma margem de comercialização positiva, a empresa poderia considerar que ganharia o mesmo, com menos esforço, se direcionasse sua produção para o mercado interno. Estas conjecturas exemplificam a afirmação de que a valorização da moeda nacional desestimula as exportações e estimula as importações<sup>1</sup>. Assim, uma vez que a valorização da moeda nacional foi de 27,65% entre dezembro/2001 e fevereiro/2008 – tudo o mais constante – deveríamos ter tido queda das exportações, elevação das importações e a conseqüente diminuição do saldo comercial. Confrontemos, pois, essas expectativas com os dados do comércio exterior do agronegócio como um todo e do agronegócio das frutas, em especial.

Tomando o ano de 2001 como base, as exportações do agronegócio brasileiro vêm crescendo continuamente de 1999 a 2007, tendo passado de US\$ 20,5 milhões para US\$ 58,4 milhões (185,1% no período). As importações do agronegócio declinaram de 1999 para 2001, ficaram estáveis até 2004 e passaram a crescer desde então. Mesmo com esse crescimento das importações no período mais recente, o saldo gerado pelo agronegócio não parou de crescer (235,8% no período, elevando-se de US\$ 14,8 milhões para US\$ 49,7 milhões) e até acelerou seu crescimento de 2006 para 2007, em comparação a 2005/2006 (16,3% x 11,0 respectivamente) (Gráfico 2 e Tabela 2).

<sup>1</sup> Evidentemente, se o caso fosse de compra de um produto com o preço fixo em dólar, haveria ganho para o importador.



**Gráfico 2 - Brasil - Evolução da Balança Comercial do Agronegócio**



Fonte: Ministério da Agricultura (2008). Elaboração dos autores.

**Tabela 2 - Brasil - Balança Comercial do Agronegócio, 1999-2007, US\$ Bilhões**

Ano	Exportações	Importações	Saldo
1999	20,49	5,69	14,80
2000	20,59	5,76	14,84
2001	23,85	4,80	19,04
2002	24,83	4,45	20,38
2003	30,63	4,75	25,88
2004	39,00	4,83	34,17
2005	43,59	5,11	38,48
2006	49,42	6,70	42,73
2007	58,42	8,72	49,70

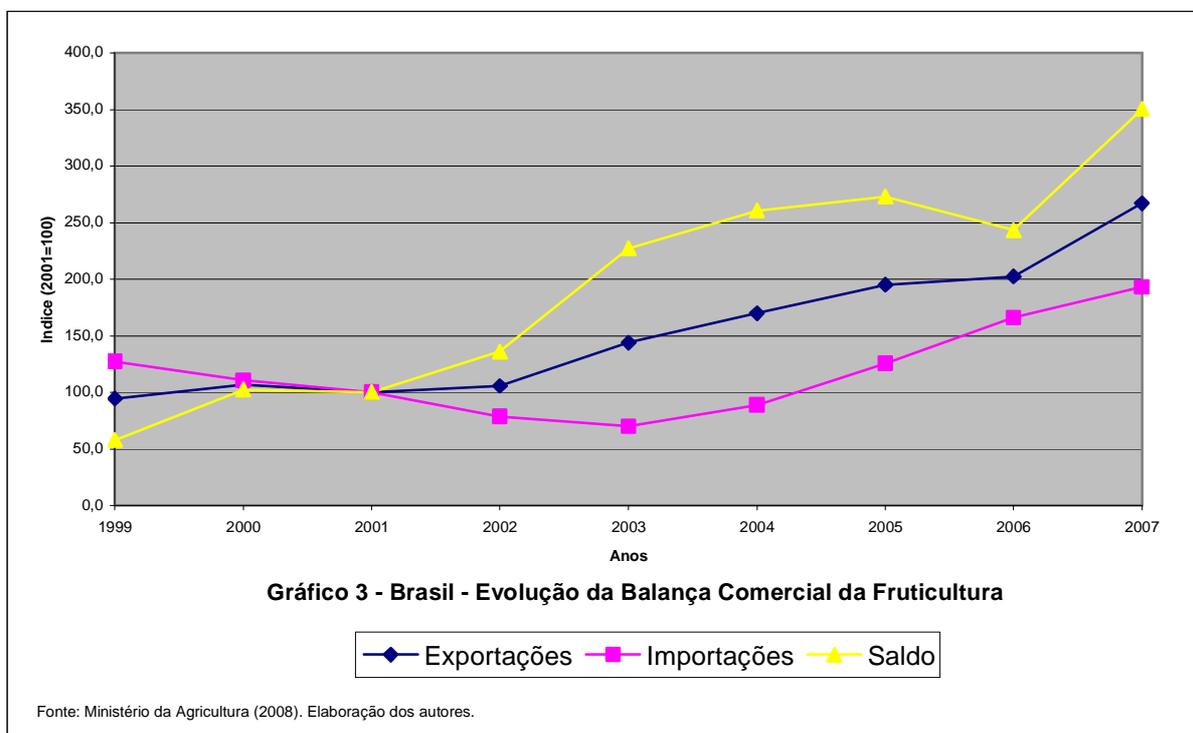
Fonte: Ministério da Agricultura (2008). Elaboração dos autores.

No que diz respeito apenas ao agronegócio da fruticultura, o saldo da balança comercial brasileira foi multiplicado por seis, de 1999 para 2007, com uma taxa média de crescimento de 25,3% a.a. (Tabela 3, Gráfico 3). Muito provavelmente por influência da taxa de câmbio, o crescimento médio das importações (18,8% a.a.) superou o das exportações (13,9% a.a.) mas outros fatores devem ter atuado de forma a que o saldo comercial apresentasse aquele crescimento.

**Tabela 3 - Brasil - Balança Comercial do Agronegócio da Fruticultura, 1999-2007, US\$ Bilhões**

Ano	Exportações	Importações	Saldo
1999	342,0	243,5	98,4
2000	386,4	212,0	174,4
2001	362,2	191,5	170,7
2002	382,8	150,5	232,3
2003	521,7	133,5	388,1
2004	614,8	170,1	444,7
2005	706,5	240,6	465,9
2006	732,9	317,4	415,5
2007	967,7	369,6	598,2

Fonte: Ministério da Agricultura (2008). Elaboração dos autores.



Com relação às exportações nordestinas de frutas, observa-se a mesma tendência de crescimento contínuo de 1999 a 2007 (327,7% no período analisado). As importações de frutas no Nordeste caíram vertiginosamente entre 1999 e 2001, e continuaram a cair, mais lentamente, até 2003. A partir daí apresentaram uma pequena elevação até 2007. O saldo gerado pela fruticultura da Região tem sido crescente (358,3% no período), acompanhando fielmente o desempenho das exportações, evidenciando que a desvalorização do dólar não tem afetado o saldo comercial do setor (Gráfico 4; Tabela 4).

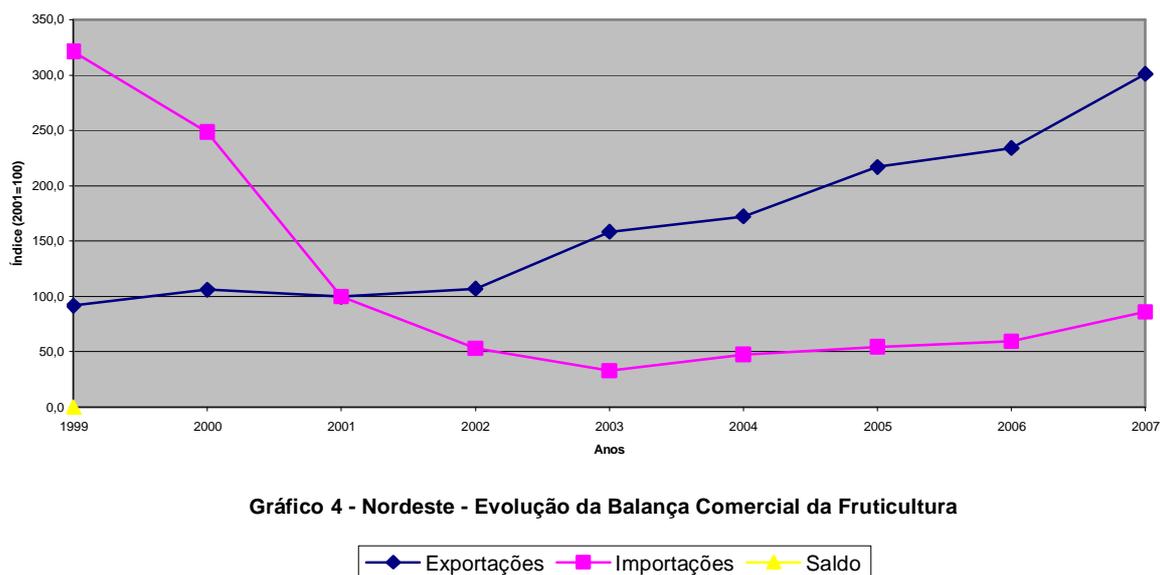


Tabela 4 – Nordeste - Balança Comercial da Fruticultura, de 1999 a 2007 (US\$ Milhões)

Ano	Exportações	Importações	Saldo	Saldo em R\$ Milhões
1999	216,6	20,0	196,6	388,4
2000	250,0	15,5	234,6	458,3
2001	235,7	6,2	229,5	553,9
2002	252,5	3,3	249,2	737,6
2003	373,2	2,0	371,2	1.146,1
2004	405,4	3,0	402,4	1.187,4
2005	511,3	3,4	507,9	1.218,9
2006	551,2	3,7	547,5	1.188,4
2007	709,7	5,4	704,4	1.371,1

Fonte: Ministério da Agricultura (2008). Elaboração dos autores.

Como explicar, então, esse comportamento aparentemente contraditório com as expectativas anunciadas no sexto parágrafo deste informe? Uma vez que, no caso nordestino, as importações de frutas no período 1999/2007 se tornaram praticamente residuais (caindo de 9,2% para 0,8% em relação ao valor exportado), é suficiente analisar mais detidamente o comportamento das exportações.

O total exportado resulta do somatório do produto do preço de cada fruta pela quantidade exportada. Portanto, o montante final das exportações, em dólar, altera-se em função da variação dos preços externos e das quantidades; o montante final das exportações, em reais, altera-se em função dos preços, das quantidades e da taxa de câmbio (no caso da nossa empresa hipotética, o preço em dólar e a quantidade eram dados, não variavam).

A evolução dos preços e das quantidades das frutas frescas exportadas pelos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Bahia, de 1999 a 2007, é apresentada nos Gráficos 5 e 6, respectivamente. Pode-se afirmar, grosso modo, que ambos aumentaram de uma maneira geral no período analisado.

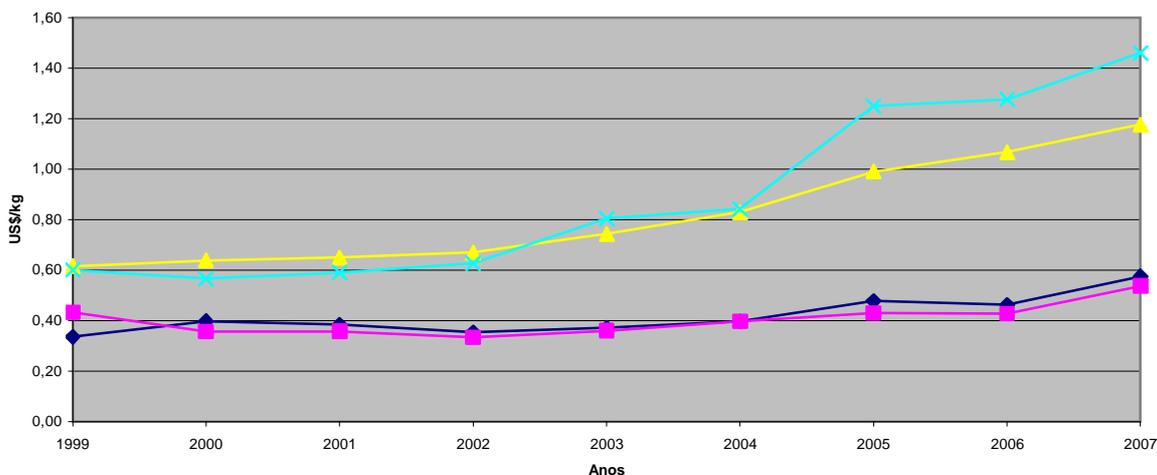
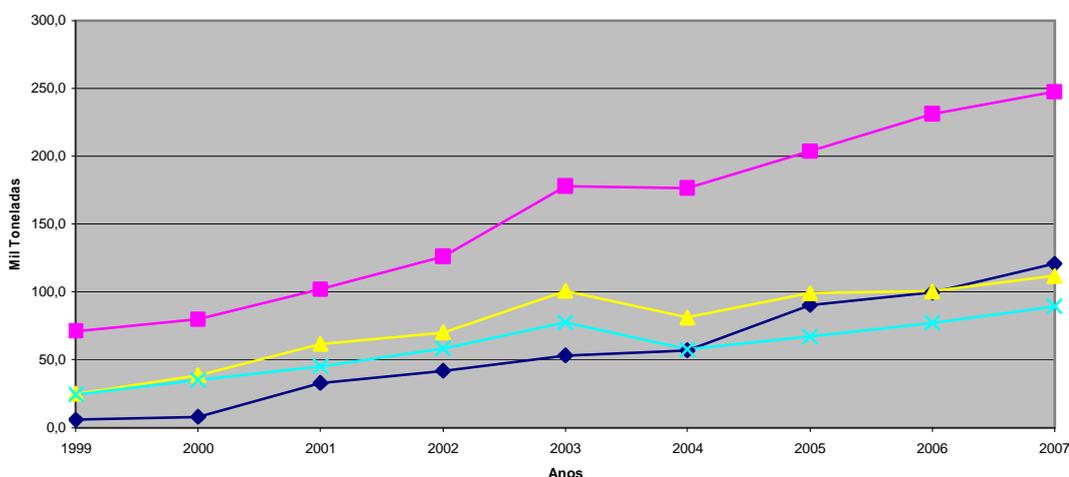


Gráfico 5 - Evolução dos Preços Médios das Frutas Frescas Exportadas por Estados Seleccionados, 1999-2007



Fonte: Ministério da Agricultura. Elaboração dos autores.



**Gráfico 6 - Evolução da Quantidade Total das Frutas Frescas Exportadas por Estados Seleccionados, 1999-2007**



Fonte: Ministério da Agricultura (2008). Elaboração dos autores.

Conforme os índices agregados de preços e quantidade apresentados na Tabela 5, construídos com base nas informações daqueles mesmos estados e referentes ao mesmo período, os preços médios das frutas teriam se elevado em 70% e as quantidades em 330%, o que justifica o crescimento das exportações, mesmo com uma taxa de câmbio desfavorável.

Tabela 4 – Índices Agregados de Preços e Quantidade, das Exportações de Frutas dos Estados da Bahia, Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte, de 1999 a 2007.

Anos	Índice de Laspeyres		Índice de Paasche		Índice de Fischer	
	Preços	Quant.	Preços	Quant.	Preços	Quant.
1999	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
2000	0,91	1,30	0,93	1,32	0,92	1,31
2001	0,93	1,91	0,96	1,98	0,95	1,94
2002	0,92	2,34	0,96	2,10	0,94	2,21
2003	1,05	3,23	1,09	3,35	1,07	3,29
2004	1,14	2,87	1,16	2,90	1,15	2,88
2005	1,41	3,49	1,42	3,52	1,42	3,51
2006	1,45	3,85	1,45	3,85	1,45	3,85
2007	1,70	4,30	1,72	4,35	1,71	4,32

Fonte: Ministério da Agricultura (2008). Elaboração dos autores.

Esse comportamento do mercado internacional de frutas se deve ao surgimento de novos mercados consumidores<sup>2</sup> para as frutas brasileiras, à maior rapidez nos meios de distribuição, que tem permitido a entrega de produto de qualidade, e ao aumento da demanda por alimentos saudáveis, que por sua vez está aliada à elevação da renda dos consumidores, à urbanização e a melhores níveis de informação e educação. O crescimento da participação do Brasil no mercado externo de frutas é atribuído a avanços tecnológicos de produção e de pós-colheita, ao maior esforço para promover a fruta brasileira em outros países, que facilitou a conquista de novos mercados<sup>3</sup> e à ampliação das exportações para o mercado europeu, que tem o Euro como moeda.

Uma situação favorável do ponto de vista macroeconômico – aumento das exportações e do saldo comercial da fruticultura regional – não significa, entretanto, que os exportadores, individualmente, estejam vivendo em um “mar de

<sup>2</sup> Escandinávia, Canadá, Países Asiáticos, Leste Europeu, Países Árabes e Países da América Latina.

<sup>3</sup> VITTI, A. Receita mundial com exportação de frutas cresce 62% em 10 anos. Disponível em: [http://www.netcomex.com.br/noticias.asp?id\\_noticia=6417&id\\_tipo\\_noticia=1&id\\_secao=11](http://www.netcomex.com.br/noticias.asp?id_noticia=6417&id_tipo_noticia=1&id_secao=11). Acesso em: 29 abr 2008.

rosas". Uma receita de mil dólares, em dezembro/2001, era convertida em R\$ 2.365,00 (Tabela 1). Em fevereiro/2008, essa mesma receita correspondia a apenas R\$ 1.711,00. Para obter o mesmo valor, em reais, dezembro/2001, era preciso uma receita em dólares de US\$ 1.382,23. Ou seja, o faturamento em moeda estrangeira teria que ter aumentado 38,22%, seja pelo efeito de preços unitários mais altos, seja por uma quantidade vendida maior ou pela conjugação dessas duas coisas. Ainda assim, a lucratividade só teria sido assegurada se os custos em reais não tivessem aumentado.

Dessa forma, uma avaliação da situação dos exportadores, de uma maneira geral, é arriscada, posto que as informações anteriormente apresentadas não podem ser aplicadas à situação particular de cada empreendimento.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. Agrostat: banco de dados sobre o agronegócio do Brasil. Brasília: Ministério da Agricultura, 2007. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/agrostat>. Acesso em 23/04/2008.

REETZ, E. R. Anuário brasileiro da fruticultura. Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta Santa Cruz, 2007.

TOLEDO, G. L.; OVALLE, I. I. Estatística básica. São Paulo: Atlas, 1988. 2ed.

VITTI, A. Receita mundial com exportação de frutas cresce 62% em 10 anos. Disponível em: [http://www.netcomex.com.br/noticias.asp?id\\_noticia=6417&id\\_tipo\\_noticia=1&id\\_secao=11](http://www.netcomex.com.br/noticias.asp?id_noticia=6417&id_tipo_noticia=1&id_secao=11). Acesso em: 29 abr 2008.

Para consulta aos demais números do [Informe Rural ETENE](#), clicar sobre o título desejado pressionando CTRL:

### ANO 1 – 2007

Nº1 Jan 2007 – Cadeia produtiva da soja ensaia recuperação em 2007:

[http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd\\_doc=146](http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=146)

Nº2 Fev 2007 – Mercado de carne bovina (1) – cenário mundial:

[http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd\\_doc=147](http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=147)

Nº3 Mar 2007 – Cenário para a agroindústria brasileira de frutas:

[http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd\\_doc=382](http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=382)

Nº4 Abr 2007 – Mercado de derivados de cana-de-açúcar (1) – álcool:

[http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd\\_doc=438](http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=438)

Nº5 Maio 2007 – O mercado de derivados de cana-de-açúcar (2) – cachaça

[http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd\\_doc=595](http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=595)

Nº6 Jun 2007 – Desempenho e perspectivas da avicultura industrial

[http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd\\_doc=599](http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=599)

Nº7 Jul 2007 – Condição atual e perspectivas da carcinicultura nordestina

[http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd\\_doc=654](http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=654)

Nº8 Ago 2007 – Balanço e prognóstico de safras

[http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd\\_doc=655](http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=655)

Nº9 Set 2007 – Considerações sobre a produção de manga

[http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd\\_doc=656](http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=656)

Nº10 Out 2007 – Cera de carnaúba: produção e mercado

[http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd\\_doc=658](http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=658)

Nº11 Nov 2007 – Agricultura orgânica: evolução e desafios

[http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd\\_doc=662](http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=662)

Nº12 Dez 2007 – PNPB (1): Panorama nacional e relato da experiência do Ceará

[http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd\\_doc=663](http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=663)

## ANO 11 – 2008

Nº1 Jan 2008 – O mercado de derivados de cana-de-açúcar (3) – açúcar

<http://d001www06/cenetene/projconjecon/docs/666110208.pdf>

Nº2 Fev 2008 – Cultivo de tilápia no Brasil: origens e cenário atual

<http://d001www06/cenetene/projconjecon/docs/672170308.pdf>

Nº3 Fev 2008 – Cenários e perspectivas 2008 - setor agropecuário

<http://d001www06/cenetene/projconjecon/docs/676140408.pdf>